

Caderno  
de Leituras  
n.60

série intempestiva |

# A realidade no paredão<sup>1</sup>

1. Agradeço a Antonio Engelke e Francisco Bosco pela leitura atenta e por sugestões que muito contribuíram para a discussão à qual me proponho aqui; dito isso, quaisquer lapsos ou equívocos são, claro, de minha exclusiva responsabilidade.



## Sérgio Martins

Em 15 de janeiro de 2012, a hashtag #danielexpulso amanheceu galgando os trending topics do Twitter brasileiro, até se tornar o assunto mais comentado do dia. Apesar da referência a um participante da décima-segunda edição do Big Brother Brasil, a Rede Globo nada tinha a comemorar: não se tratava de comemoração pela eliminação de Daniel, que permanecia na casa, e sim de uma campanha por sua expulsão. Poucas horas antes, após uma festa, Daniel retirara-se para o quarto com outra participante, Monique, dando início a uma série de carícias e movimentos repetitivos por debaixo do edredom que os encobria. Apenas os assinantes do pay-per-view acompanhavam as cenas em tempo real e sem cortes, mas isso bastou para deflagrar a repercussão online. As imagens mostravam uma Monique imóvel, presumivelmente desacordada; tratar-se-ia, portanto, da transmissão ao vivo de um estupro.

Levou pouco mais de um dia até a emissora finalmente anunciar a expulsão de Daniel por “grave comportamento inadequado”. Se a expressão soa minuciosamente vaga, é porque sua missão – colocar panos quentes – era particularmente ingrata, para dizer o mínimo. Como dizer qualquer coisa a mais, uma vez que um inquérito policial recém-aberto tomara para si essa incumbência? Como conciliar o tempo do inquérito com a necessidade de manter no ar e ao vivo um programa que dependia do isolamento dos participantes? Aliás, como averiguar o ocorrido sem que isso transbordasse de tal modo para o cotidiano do reality show e – justamente por se tratar de um reality show – para as transmissões? Ao mesmo tempo, como nada dizer, com a fúria das redes sociais batendo à porta? Nesse contexto, a vagueza do comunicado se torna um sintoma da inviabilidade de qualquer resposta apaziguadora. Ela indica, na terminologia lacaniana, uma tentativa fracassada de socorro Simbólico – pela via da linguagem – à desagregação do lastro entre o véu Imaginário e o Real por ele recoberto. O que significa, trocando em miúdos, que a fantasia responsável por regular ideologicamente o gozo (jouissance) sofrera um abalo.

Detenhamo-nos por um instante nesse ponto. A regulação do gozo pela fantasia é nada menos que o sustentáculo do laço social, o que significa dizer que, para a psicanálise, toda normalidade cotidiana é como que a ponta de um iceberg cuja base é uma economia libidinal que necessariamente gira em torno de faltas e compensações, sem jamais resultar em soma zero. Mas para que a fantasia cumpra tal função – para que se mantenha o semblante de uma normalidade estável – é preciso que ela permaneça implícita. É isso que explica, segundo o filósofo Slavoj Žižek, a tenacidade ideológica de certos discursos fóbicos e persecutórios<sup>2</sup>. A exclusão de um dado grupo ou indivíduo seria motivada não por qualquer característica intrínseca sua, mas por seu potencial de expor como tal a fantasia erigida em torno de um gozo que ela própria vela e regula. Segundo Žižek, por exemplo, o veto à admissão de gays no exército americano não se explica por simples preconceito ou desacordo com valores patriarcais e machistas, mas porque sua mera presença evidenciaria o teor homoerótico latente nos diversos rituais de camaradagem, trotes e iniciações que proliferam tropa afora. É como na famosa cena da festa em que o personagem de Quentin Tarantino relê o roteiro de Top Gun à luz da hipótese de que se trata, na verdade, de um filme gay, com clímax no diálogo de reconciliação entre os pilotos Maverick e Iceman: “You can ride my tail! – And you can ride mine!”

O mesmo se aplica ao caso do Big Brother. Quer tenha ou não havido estupro (registre-se que o caso foi arquivado pela justiça), o fantasma da violência sexual já azeda o gozo ali incitado. Não há, a princípio, quaisquer escrúpulos para tal incitação: do softcore ao machismo beirando a misoginia, tudo é válido desde que implícito – ou seja, desde que devidamente embrulhado para o consumo da família brasileira. O embrulho começa já na escolha dos participantes. É inimaginável um elenco desprovido dos estereótipos, por exemplo, do sarado, da boazuda e da gatinha

2. Slavoj Žižek, *The plague of fantasies*. Londres: Verso, 1997.

(devidamente coadjuvados pelo esquisitão, pela barraqueira, e por aí vai). A edição então dá o laço ao romantizar desde flertes constrangedores turbinados por bebedeiras até tomadas do estranho gênero do pornô-de-edredom.

Foi exatamente o que a TV aberta mostrou também naquele dia. Na primeira noite após o incidente, as imagens de Daniel e Monique foram editadas de modo a sugerir sexo, mas tirando de cena qualquer suspeita de estupro; o fato de que a própria discussão vazara para a casa – com Monique prestando esclarecimentos no confessionário e perturbada por não se lembrar do ocorrido – tampouco mereceu nota. Que o script do reality show visava manter as aparências fica evidente no clichê com o qual o apresentador Pedro Bial – já ciente da suspeita de estupro – arrematou as cenas do casal: “o amor é lindo”. Mas o fantasma da violência sexual seguia rondando a casa, encarnado na hashtag #danielexpulso e arrastando correntes de comentários online como “ela fez por merecer” e “quem mandou ficar bêbada?”. Insisto: por si só, a circulação de tais valores morais mal disfarçados pela tênue fachada de comédia romântica do Big Brother é parte do jogo. É parte, aliás, do que quer que se possa entender nesse contexto por “realidade”. O problema é que, como no homoerotismo do exército, a regulação pela fantasia de um gozo fortemente pautado pela misoginia depende fundamentalmente de que este não dê as caras em cena; com Daniel na casa, e com a sentença dos tribunais da internet estampada em sua testa, isso se tornara impossível. Daí que o tiro de Bial tenha saído pela culatra: em blogs e redes sociais, a expressão “o amor é lindo” foi imediatamente associada ao machismo que buscava recalcar. No dia seguinte, o apresentador anunciou a entrega dos pontos. Tratava-se, enfim, de um “grave comportamento inadequado.”

Não há qualquer espanto em tal sucessão de constrangimentos. Quando a brigada de incêndio sai em socorro da fantasia, do gozo prometido – e dos lucros dele provenientes –, é característico que a inevitável insuficiência da linguagem aliada ao esgotamento de sua eficácia compensatória desande num fogo-cruzado de explicações mal-ajambradas e rompantes acusatórios. Por sua vez, a reação da família de Daniel foi taxar sua expulsão de racismo. É fácil imaginar tal resposta – que contrapõe o signo da misoginia a outro de igual voltagem política – encaminhando o imbróglio para uma polarização insolúvel (defensores de Daniel seriam misóginos e acusadores, racistas). Mas há um sentido inusitado em que a menção ao racismo ganha força explicativa precisamente por descolar-se do incidente específico e iluminar, uma vez mais, a estrutura ideológica na raiz de programas como o Big Brother. Penso na tese da filósofa Alenka Zupančič, para quem o elogio ininterrupto do sucesso pessoal pela indústria do entretenimento configura um novo racismo calcado não em cor de pele ou origem étnica, mas na naturalização de diferenças sócio-culturais.<sup>3</sup>

Nos programas de variedades, diz Zupančič, a presença constante de celebridades abrindo as portas de sua intimidade remete o signo do sucesso de imediato a um determinado estilo de vida. Tratar-se-ia, ao contrário do voyeurismo ou da invasão curiosa de privacidade, de um problema eminentemente objetivo: a verificação e reiteração da natureza dos indivíduos bem-sucedidos. Algo como tomar ao pé da letra aquela velha piada: “famosos – quem são, onde vivem, como se reproduzem?” O nó ideológico que essa exposição ininterrupta não cessa de amarrar é o que a filósofa batiza de biomoralidade, isto é, a convicção de que estilos de vida e a tonalidade de nossos sentimentos nos definem com precisão de DNA. Por um lado, isso alimenta imperativos morais dos mais diversos – tristeza é coisa de fracassado – proferidos com convicção darwiniana; por outro, alimenta o imperativo social de se fazer descobrir enquanto membro da espécie bem-sucedida.

3. Alenka Zupančič, *The odd one in: on comedy*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

É essencial ressaltar a relação profundamente ambivalente entre a biomoralidade e a noção, também corriqueira na paisagem

ideológica do capitalismo tardio, de meritocracia. Como na retórica meritocrática, insiste-se que a chave do sucesso (ou ônus do fracasso) está inteiramente na mão do indivíduo; cabe a ele, e a mais ninguém, fazer a coisa certa. Mas esta chave já não passa pela ética do trabalho e por suas figuras ideológicas características. O homem exemplar já não é mais self-made, e sim ready-made: o sucesso é fruto não mais do que se fez, mas sim de quem se é. Não que o sucesso agora prescindia de qualquer esforço por parte do indivíduo; a diferença é que o seu esforço já não é mais dispendido em prol do progresso pessoal ou da recauchutagem do Eu, como na retórica da autoajuda, mas sim do reconhecimento público de um Eu que já se é. Daí a promessa de inúmeros participantes e aspirantes a participantes do Big Brother: “vou mostrar pro Brasil quem eu sou”.

Se o racismo biológico fez das pseudociências seu esteio, o novo racismo faz do entretenimento contemporâneo o seu. O Big Brother faz as vezes, em outras palavras, de uma espetacular frenologia do sucesso. As duas maiores vencedoras do programa, Sabrina Sato e Grazi Massafera, o foram precisamente por adaptarem-se rápida e naturalmente ao circuito de celebridades; pouco importa – e poucos lembram – que elas não venceram a disputa em si. Não causa espanto, à luz do que comentei no início, que o visto delas e de outras participantes para esse circuito tenha sido carimbado nas páginas de revistas masculinas (ao contrário do sucesso intelectual ou profissional, que costuma demandar a masculinização da mulher, o sucesso biomoral tende à objetificação). Já seu passaporte permanente é expedido apenas com a aposentadoria da alcunha de “ex-bbb”. É como se a nova nacionalidade obliterasse todo e qualquer vestígio de uma existência pessoal anterior. Tomemos, por exemplo, uma estrofe cantada por Valesca Popozuda. Os versos “late mais alto que daqui eu não te escuto / do camarote quase não dá pra te ver / tá rachando a cara, tá querendo aparecer”, atualizam o Chico Buarque de Quem te viu, quem te vê segundo o prisma da biomoralidade. Nove fora o fato de ser gíria corrente no universo do funk, a figura da cachorra adquire sentido literal ao sinalizar uma distância tanto física quanto natural. Seria absurdo imaginar Valesca falando em sentir saudade e dar na vista. Sua encarnação bem-sucedida é o que há, e não uma aparência fantasiada em conflito com qualquer essência outra. O ponto de vista invertido – em Chico, é o companheiro abandonado que levanta os olhos da pista pra galeria – indica não um desacordo íntimo da musa cantada com seu novo patamar, mas o imperativo de colocar a “invejosa” ou “recalcada” – isto é, aquela ficou definitivamente pra trás e pra baixo – em seu devido lugar. Uma vez lá posta, seus esforços para se igualar ao eu-lírico de Valesca se revelam irremediavelmente patéticos precisamente por serem percebidos como esforços.

Mas o caso de Daniel é ainda mais extremo – seu paredão não é o do BBB, nem seu estigma o da invejosa. Culpado de estragar nosso gozo, sua pena extrapola a simples rejeição à casta dos fracassados (que, bem ou mal, segue reservada aos que ainda se submetem às regras do jogo). Também não se trata obviamente de um herói (como sê-lo se sua subversão das regras, além de inadvertida, teria se dado justamente por levá-las às últimas consequências?). Só lhe restou um lugar nessa ordem social, ou melhor, um não-lugar: Daniel foi tornado um pária. A aparente vagueza do “grave comportamento inadequado” revela aqui contornos precisos, uma vez que o limbo ao qual se lança um pária se define exatamente por ser alheio aos termos da ordem vigente.

Consequentemente, e ao contrário do que se passa com um herói ou vilão, o papel de um pária numa narrativa crítica não é nada óbvio. Um dos comentários mais perspicazes sobre o episódio foi feito no calor do momento, ironicamente, por um analista citado em matéria da revista Veja: “A emissora se preocupou em dar satisfação a vários públicos – menos ao da internet, em que a polêmica nasceu.” A polêmica e o pária: como um fio

desencapado, Daniel passou a encarnar o perigo iminente de curto-circuito da fantasia. Curto-circuito que se explica, por sua vez, pelo descompasso entre a linguagem televisiva do reality show e uma paixão pelo Real em franco processo de exponenciação no interior das redes sociais. Como mencionei acima, um ponto central do caso Daniel foi colocar em demasiado relevo a estrutura editorial e narrativa do reality show precisamente pela incapacidade desta de assimilá-lo. Por um lado, essa estrutura é em parte a encarregada de fomentar a demanda por um Real erroneamente identificado a um semblante de si (o sexo em tempo real, e entre “gente como a gente”, como a maior proximidade de um “em si” do sexo, para ficar no exemplo em questão). Por outro, o controle sobre tal demanda compulsiva é precário: não há oferta capaz de manter permanentemente em cheque a sua voracidade. Basta um passo em falso para que a proximidade do Real se mostre indócil. A tirar pela mesma matéria, esse passo teria sido dado pelo diretor Boninho ao ignorar suspeitas iniciais sobre o estado de Monique e descartar uma intervenção da produção que acarretaria, por sua vez, abrir mão de cenas valiosas.

Ora, o imediato e o semblante são exatamente o feijão-com-arroz das redes sociais. Da urgência política às férias perfeitas, o que se busca ali é consumir ou confirmar – curtindo e sendo curtido – a crescente proximidade do Real. Daí que um dia sem acesso possa facilmente ser sentido como um mês de isolamento. A mediação editorial de um Big Brother está para tal quadro como a linha de montagem fordista para a impressão 3D. Os poucos anos que nos separam do caso Daniel dão a exata medida do quanto estas se tornaram uma espécie de buraco negro da internet, tragando para dentro de si a heterogeneidade da rede e reconfigurando-a segundo a física de seus algoritmos. A indústria do entretenimento não escapou à sua gravidade. É fácil perceber, em retrospecto, que a lógica e o tempo televisivos do Big Brother Brasil 12 já apresentavam sinais de desgaste; de lá pra cá, a audiência do programa praticamente só fez cair. Por fim, com a perda de terreno da televisão frente às redes sociais, estas passam a fornecer novas vias de acesso também à casta dos bem-sucedidos. Num mundo crescentemente povoado por YouTubers e It Girls do Instagram, o Big Brother realmente soa, por incrível que pareça, lento, restritivo e deveras distante do que se passou a entender por realidade.



Edições Chão da Feira  
Caderno de Leituras / Série Intempestiva  
Projeto gráfico - Mateus Acioli  
Abril de 2017

[chaodafeira.com](http://chaodafeira.com)

Patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

1069/2014